

O racionalismo e o romantismo de John Stuart Mill

*Isabel de Almeida Brand*¹

Resumo: A disputa entre os românticos e os racionalistas, que se formou no final do século das Luzes, se estendeu pelo decurso do século XIX. Essas duas correntes ideológicas, aparentemente opostas, desempenharam um papel significativo nas discussões sobre a importância moral, política e epistemológica do sentimento e da imaginação. Ao contrário das correntes dualistas, o filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873) defendeu que não há uma dicotomia entre os preceitos de ambas posições no que se refere ao desenvolvimento da autonomia dos seres humanos. Pretendemos nesse artigo mostrar como a filosofia de Stuart Mill recorre a fontes tanto do racionalismo quanto de fontes românticas para promover a autenticidade na agência humana e a abrangência da moral.

Palavra-chave: Autonomia – Liberdade – Racionalismo – Romantismo – John Stuart Mill

The Rationalism and Romanticism of John Stuart Mill

Abstract: The dispute between the romantics and the rationalists, which was formed at the end of the Enlightenment century, continued throughout the XIX century. These two apparently opposing ideological currents played a significant role in discussions about the moral, political and epistemological importance of feeling and imagination. Contrary to dualist currents, the English philosopher John Stuart Mill (1806-1873) argued that there is no dichotomy between the precepts of both positions with regard to the development of autonomy in human beings. In this article, we intend to show how Stuart Mill's philosophy draws on sources from both rationalism and romantic sources to promote authenticity in human agency and the comprehensiveness of morality.

Keywords: Autonomy – Liberty – Rationalism – Romanticism – John Stuart Mill

¹ Mestranda em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros. Este artigo é resultante de pesquisa de mestrado sob o financiamento da CAPES (01/07/2023 a 31/08/2023) e da FAPESP (a partir de 01/09/2023) por meio do processo nº 2023/00135-5.

No século XVIII, contrariando as noções de legitimidade dos privilégios da nobreza e do clero e dos dogmatismos religiosos, propagou-se a ideia da necessidade de equidade de direitos e autonomia política e individual para que o ser humano fosse realmente livre. Essa liberdade almejada não se reduzia à mera ausência de obstáculos ou coerções legais, mas voltava-se também contra os costumes. Além disso, reivindicava-se que as normas e leis fossem explicitadas e justificadas mediante as razões.

Sob o impacto da revolução newtoniana², os filósofos do Iluminismo criticavam a religião cristã como o fundamento da sociedade. A centralidade que a racionalidade adquiriu no interior do movimento gerou mudanças sociais e políticas importantes e o desenvolvimento do método científico modificou a forma de fazer ciência. A produção de conhecimento deveria passar pela confirmação da experiência e da razão. Mas, apesar de tornar-se o novo fundamento do conhecimento, a razão não deixou de ser vulnerável à crítica de si própria.

Um dos problemas levantados nesse período era de que, se as próprias leis da física variam, nada se poderia determinar em relação à ordem, a harmonia e a perfeição no universo. Com a preocupação de salvaguardar a concepção de um universo harmônico, grande parte dos pensadores ilustrados viam a necessidade de manter a ideia de uma inteligência que ordenasse e movesse o mundo. Com esse objetivo, os iluministas buscaram outras respostas para além da visão reducionista e mecanicista, segundo a qual a natureza e o próprio ser humano poderia ser comparado a uma máquina. Mantidas suas diferenças conceituais, tanto os deístas como os materialistas postulavam a existência de uma ordem universal que regesse o cosmo por meio de leis razoáveis.³ Entretanto, haviam outros pensadores que não se enquadravam em nenhuma dessas categorias como, por exemplo, David Hume, que a fim de dar uma resposta à problemática da geração da ordem no universo desenvolveu uma noção de ordem na qual participam os impulsos e os instintos além dos acidentes e acasos. Para o filósofo escocês, “A moral desperta paixões, e produz ou impede ações. A razão, por si só, é inteiramente impotente quanto a esse aspecto. As regras da moral, portanto, não são conclusões de nossa razão”.⁴

Nas últimas décadas do século das Luzes surgiu outro movimento – o romantismo – que, como os iluministas, também rejeitava os princípios prescritivos e dogmáticos do cristianismo. O romantismo nasceu ao mesmo tempo na Inglaterra e na Alemanha, países que dividiram o protagonismo desse movimento. Na Inglaterra, as raízes do pensamento romântico estão conectadas à tradição da igreja anglicana. Dessa maneira, segundo Paz, “O romantismo continua a ruptura protestante. Ao interiorizar a experiência religiosa à custa do ritualismo romano, o protestantismo preparou as condições psíquicas e morais do abalo romântico.”⁵ Por sua vez, na Alemanha o *Sturm und Drang*⁶ almejava abrir espaço para o novo.

² A lei da gravitação universal de Isaac Newton descrita em sua obra “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”, lançada em 1687, diz que a gravitação universal é efeito de causa desconhecida e para se ter uma ciência dos corpos não é necessário conhecer suas causas. Dessa maneira, o astrônomo, filósofo natural e cientista inglês liberou os outros filósofos de procurarem as causas primeiras das coisas e de tratar o dado sensível como tendo um correlato intelectual. Com o fim da dualidade entre o mundo intelectual e mundo sensível, pôde-se tratar tudo como sensível.

³ PAZ, Os filhos do barro, pp. 46-52.

⁴ HUME, *Tratado da natureza Humana*, p. 497.

⁵ PAZ, *Os filhos do barro*, p. 86.

⁶ *Sturm und Drang* pode ser traduzido por “Tempestade e Ímpeto”. Este nome foi emprestado de uma peça de Friedrich von Klinger, que se inspirou no desejo de apresentar no palco figuras da grandeza shakespeariana,

As produções autênticas e passionais dos artistas românticos alemães dão as diretrizes para a estetização da vida. As obras artísticas românticas se valem da experiência vital para buscar o si mesmo na alteridade. Desse modo, as paixões suscitadas pela observação das obras artísticas devem incitar potenciais arranjos e associações de ideias na existência. A interiorização da visão poética tem uma relação análoga à interiorização da consciência do indivíduo. Dessa forma, além de um movimento literário, o romantismo foi também marcado por concepções morais e políticas.

Nascido em Londres em 1806, John Stuart Mill, considerado por muitos um dos filósofos mais proeminentes de sua época, vivenciou as contradições da ideologia iluminista e também sofreu a influência do espírito do romantismo. O filósofo inglês ficou conhecido por seus escritos sobre a liberdade e o utilitarismo. A princípio, Mill se baseia no ideário utilitarista clássico, preconizado pelo seu mentor Jeremy Bentham, porém no decorrer de sua trajetória intelectual o filósofo inglês desenvolve seus próprios preceitos utilitaristas e direciona seu pensamento principalmente para o desenvolvimento moral e político dos cidadãos.⁷ Em 1865, Mill assume uma cadeira no parlamento britânico. Como parlamentar, ele estava preocupado em buscar formas práticas legislativas para corrigir os desvios viciosos dos processos institucionais e no combate dos privilégios da nobreza e do clero.

Os princípios políticos e morais defendidos pelos utilitaristas benthamianos podem ser resumidos pela luta contra a mera tradição e o dogmatismo. Os utilitaristas se opunham àqueles que afirmavam que as regras morais básicas eram constituídas por meio da intuição direta, e que, portanto, era desnecessária qualquer avaliação racional de tais regras. Foi contra essa aceitação acrítica das práticas sociais existentes que os utilitaristas insistiram em submeter todas as crenças morais a um teste racional. A tradição utilitarista fez da maximização da utilidade social o critério básico da moralidade.⁸

O princípio da utilidade está conectado ao princípio do bem. O bem para os utilitaristas é sustentado por um estado mental e considerado em termos de prazer, felicidade, gozo ou satisfação. Desse modo, as ações são avaliadas de acordo com a felicidade que é capaz de promover. Conforme Bentham, o princípio de utilidade é derivado da noção de natureza humana e tendo em vista que

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado, e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos. (...) O

rejeitando as convenções do neoclassicismo francês. O *Sturm und Drang* foi um movimento literário alemão que exaltava a natureza, o sentimento e o individualismo e buscava derrubar o culto iluminista do racionalismo. Os expoentes desse movimento sustentavam que as verdades básicas da existência deveriam ser apreendidas por meio da experiência dos sentidos. Eles foram influenciados pelo pensamento de Rousseau e seus dois representantes mais proeminentes desse movimento, Goethe e Schiller, produziram grandes obras que formaram o corpo e a alma da literatura clássica alemã. (recorte e tradução nossa do Portal da Enciclopédia Britânica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com>, acesso em 13/06/2024).

⁷ A respeito do utilitarismo heterodoxo de Mill ver o artigo: DIAS, M.C. L.C. As diferenças entre os conceitos de moral no Utilitarismo de Bentham e John Stuart Mill: A moralidade como derivada das respectivas noções de natureza humana. *Revista de Filosofia Princípios*. Natal (RN), v. 19, n.32, julho/dezembro de 2012, p. 483-506.

⁸ HARSANYI, *Morality and the theory of rational behaviour*, p. 40.

princípio da utilidade reconhece esta sujeição e a coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei. Os sistemas que tentam questionar este princípio são meras palavras e não uma atitude razoável, capricho e não razão, obscuridade e não luz.⁹

A razão calculadora da felicidade de Bentham caracteriza o prazer ou dor em relação a intensidade, a duração, bem como a proximidade ou longinquidade de poder gozá-los. Baseado no seu argumento moral, ele criticou a doutrina de direito inglesa por ser suscetível à interpretação e moderação dos governos locais e de fazer uso de práticas remanescentes feudais. Seus escritos sobre jurisprudência e a defesa de uma legislação criada sob uma lógica racional foram de grande contribuição para combater o despotismo aristocrático.

Por sua vez, o filósofo alemão Immanuel Kant, em *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, afirma que a finalidade moral de uma ação não reside nos efeitos que dela se esperam e, portanto, tampouco em qualquer princípio de ação que precise tomar emprestada sua motivação deste efeito esperado. Segundo Charles Taylor, Kant critica os utilitaristas por considerarem a busca da felicidade como única finalidade da vida, dizendo que essa busca pelo prazer e o gozo é simplificadora da natureza humana e coloca a moral a serviço de nossos instintos e necessidade.¹⁰ Para o comentador, de acordo com a teoria kantiana, a lei moral não pode ser definida pelo impulso da natureza em mim, mas apenas pela natureza do raciocínio, pelos procedimentos do raciocínio prático, que exigem que se aja de acordo com princípios universais. Desse modo, o fim básico que deve presidir tudo, não é a felicidade, mas a racionalidade, a moralidade e a liberdade.¹¹

Mill estava ciente das críticas ao utilitarismo e apreciava a produção literária alemã e francesa, assumindo uma postura aberta as várias tendências políticas e filosóficas de seu tempo. Ele mantinha contato com os socialistas owenistas¹², tornando-se um crítico acerbo do que considerava o determinismo owenista. O filósofo também se aproximou dos românticos coleridgianos¹³ e essa aproximação acentuou seu olhar para questões de justiça

⁹ BENTHAM, *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, p. 9.

¹⁰ Nas palavras de Kant: “Nas disposições naturais de um ser organizado, isto é, constituído em conformidade com o fim que é a vida, supomos como princípio que nele não se encontre instrumento algum para qualquer fim senão aquele que também é o mais conveniente e o mais adequado a ele. Ora, se o verdadeiro fim da natureza num ser dotado de razão e de uma vontade fosse a sua *conservação*, a sua *prosperidade*, numa palavra, a sua *felicidade*, então ela teria tomado muito mal suas providências para isso ao escolher a razão da criatura como executora dessa sua intenção. Pois todas as ações que ela <a criatura> tem de realizar nessa intenção e toda regra de seu comportamento lhe teriam sido indicadas com muito maior exatidão pelo instinto, e aquele fim poderia ter sido obtido por ela com muito maior segurança do que jamais pode acontecer pela razão.” (KANT, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, pp 107-109).

¹¹ TAYLOR, *As fontes do self: A construção da identidade moderna*, pp. 465-6.

¹² O fabricante galês Robert Owen (1771 – 1858), se tornou reformador e um dos mais influentes defensores do socialismo utópico do início do século XIX. Em 1813, Owen publicou dois dos quatro ensaios em *A New View of Society*; ou Ensaio sobre o Princípio da Formação do Caráter Humano, nos quais expõe os princípios nos quais se baseia seu sistema de filantropia educacional. O ponto principal da filosofia de Owen era que o caráter humano é formado por circunstâncias sobre as quais os indivíduos não têm controle. (Fonte: Enciclopédia Britânica online, site: <https://www.britannica.com/biography/Robert-Owen>, recorte e tradução nossa, acesso em: julho/2024).

¹³ Samuel Taylor Coleridge, (1772-1834), poeta lírico, crítico e filósofo inglês. Seus poemas “Lyrical Ballads”, escritos junto com William Wordsworth, anunciaram o movimento romântico inglês. A turbulência intelectual e política em torno da Revolução Francesa desencadeou uma discussão intensa e urgente sobre a natureza da sociedade. Coleridge embarcou em uma investigação da natureza da mente humana e sua crença na existência

social e a se questionar sobre a frieza da racionalidade instrumental.¹⁴ Como consequência desses questionamentos, em outono de 1826, Mill é acometido por um colapso nervoso que impactou diretamente no desenvolvimento de sua filosofia. O filósofo revela que

A outra mudança importante que naquela época as minhas opiniões experimentaram foi que eu, pela primeira vez, dei um lugar apropriado, como uma das primeiras necessidades do bem-estar humano, ao cultivo interno do indivíduo. Cessei de atribuir importância quase exclusiva à ordem das circunstâncias externas e à preparação do ser humano para a especulação e a ação. Eu havia aprendido, agora pela experiência, que as sensibilidades passivas precisam ser cultivadas tanto quanto as capacidades ativas, e que necessitam ser alimentadas e enriquecidas, além de guiadas.¹⁵

Segundo Liz Mckinnell, Mill percebeu que a identificação de si mesmo apenas com as coisas que lhe são externas é insuficiente para que o indivíduo viva uma boa vida. Desde sua infância, a educação recebida por Mill foi estritamente racional e na vida adulta ele então desconfia da insuficiência da racionalidade fria da doutrina utilitarista de James Mill e de Jeremy Bentham. O filósofo inglês percebeu a insustentabilidade de sua própria felicidade com algo durável, o que acabou o levando à sensação de esvaziamento. Ele concluiu que a felicidade estava apenas casualmente ligada às escolhas de ordem externa e que se poderia escolher igualmente uma outra ordem de circunstâncias externas com a qual se identificar. Para a comentadora, esse reconhecimento parece ter levado Mill a experimentar um estranhamento de sua identidade. A recuperação de Mill foi auxiliada pela sua aproximação com a poesia romântica de William Wordsworth¹⁶, a qual ajudou o filósofo a desenvolver a noção de que o cultivo do caráter e dos sentimentos é um elemento essencial para uma boa vida.¹⁷ Em sua *Autobiografia*, Mill diz que

O que tornou os poemas de Wordsworth um bálsamo para meu estado de ânimo foi o que eles não apenas expressavam uma beleza exterior, mas estados de sentimento e estados mentais tingidos de sentimento, sob o estímulo da beleza. Eles pareciam ser o próprio cultivo dos sentimentos que eu buscava. Neles eu acreditei encontrar uma fonte de alegria interior, de

de uma poderosa “consciência de vida” em todos os indivíduos resgataram Wordsworth da depressão em que os acontecimentos recentes o lançaram e tornaram possível a nova abordagem da natureza que caracterizou suas contribuições para “Lyrical Ballads”. (Fonte: Portal da Enciclopédia Britânica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com>, recorte e tradução nossa, acesso em julho/2024).

¹⁴ MILL, *Autobiografia*, p. 131.

¹⁵ MILL, *Autobiografia*, p. 131.

¹⁶ William Wordsworth (1770 – 1850) foi uma das figuras centrais do movimento romântico na Inglaterra. Ele formulou em seus poemas e ensaios uma nova atitude em relação à natureza. Mais do que uma questão de introduzir imagens da natureza em seus versos, Wordsworth estabeleceu uma nova visão da relação orgânica entre o homem e o mundo natural. Além disso, o poeta inglês colocou a poesia no centro da experiência humana. (recorte e tradução nossa do Portal da Enciclopédia Britânica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com>, acesso em 05/07/2024).

¹⁷ MCKINNELL, *The Role of Wordsworth in John Stuart Mill's Moral and Psychological Development*, p.45.

prazer criador e compassivo que poderia ser compartilhado por todo ser humano.¹⁸

O efeito da poesia de Wordsworth em Mill foi expressar a maneira pela qual as sensibilidades poéticas poderiam ser despertadas pela beleza natural. A noção de expressão é importante porque a poesia provocou um efeito que não poderia ter sido alcançado por meio de explicações ou ideias esboçadas em um texto filosófico. De acordo com Mckinnell, a poesia de Wordsworth acendeu no pensamento de Mill a ideia de que a forma de expressão é importante para despertar sensibilidades que, por sua vez, influenciam o modo como emitimos juízos morais.¹⁹ Dessa maneira, nossos pensamentos e julgamentos são refinados e desenvolvidos também por meio do cultivo de nossos sentimentos.

Em sua *Autobiografia*, Mill expõe, sucintamente, o debate que teve com seus colegas benthamianos no *Debating Society*²⁰ sobre o cultivo dos sentimentos. Os opositores de Mill nesse debate não atribuíam valor à poesia, ao gosto pela música, pelo teatro ou mesmo pela pintura como parte da formação do caráter. Dessa forma, segundo esses adversários, havia pouco motivo em cultivar sentimentos, e nenhum em cultivá-los através da imaginação, pois estaria apenas cultivando ilusões. Mas, Mill insiste que a maioria dos ingleses têm sentimentos e que são suscetíveis à simpatia como elemento fundamental da felicidade individual. Dessa forma, o filósofo inglês defende que

(...) a emoção imaginativa que uma ideia excita em nós quando é concebida de forma vívida, não é uma ilusão, mas um fato, tão real como qualquer outra qualidade dos objetos; e que longe de implicar algo errôneo e ilusório em nossa apreensão mental do objeto, é consistente com o conhecimento mais exato e com o reconhecimento prático mais perfeito de todas as suas leis e relações físicas e intelectuais.²¹

Se por um lado, além de René Descartes, outros pensadores influentes também adotaram visões mecanicistas e estáticas da natureza²², por outro lado, para os românticos a natureza é vista através de uma noção anímica, dinâmica e orgânica. Segundo Taylor, para o pensador romântico a ideia de natureza aparece como uma fonte intrínseca associada a uma visão expressiva da vida humana.²³ Realizar a própria natureza significa manifestar e dar

¹⁸ MILL, *Autobiografia*, p. 135.

¹⁹ MCKINNELL, *The Role of Wordsworth in John Stuart Mill's Moral and Psychological Development*, p.47.

²⁰ As sociedades de debates, uma tradição na Inglaterra desde o século XVIII, surgiram do convívio de cidadãos, clubes comerciais, grupos de estudantes, entre outros, que se reuniam para pôr em prática suas habilidades retóricas e reflexão crítica. Mill fundou a “sociedade utilitarista” com seus amigos para levantar questões sobre a liberdade e a reforma legislativa. Em 1826, o grupo original se dissolveu e foi substituído por um novo, o “Debating Society”, aberto a todas as tendências, inclusive mantendo contato com grupos socialistas e românticos e criticando aspectos do utilitarismo benthamiano.

²¹ MILL, *Autobiografia*, pp. 137-8.

²² Entre outras referências de pensadores que viam a natureza como estática e mecanizada se encontram: Galileu Galilei que afirmou que livro da natureza está escrito em linguagem matemática; Francis Bacon que enfatizou a ideia de que a natureza deveria ser dominada e controlada; e Thomas Hobbes que descreve os corpos humanos como máquinas em funcionamento

²³ Charles Taylor identifica essa visão como “expressivismo”. O autor explica que o expressivismo, movimento que se desenvolveu no fim do século XVIII, foi a base para uma individuação mais completa e teve a noção de natureza como fonte. Segundo esse movimento, cada indivíduo é diferente e original e essa originalidade é que

forma a um impulso interior, que só se torna claro e definido por meio de sua expressão. Essa manifestação não apenas revela, mas também modela e define a vida, que não segue um modelo externo pré-determinado. Essa concepção remete a modelos biológicos de crescimento, como os do filósofo alemão Johann Gottfried von Herder, que veem o desenvolvimento como a expressão de uma força interior lutando para se realizar, contrastando com as visões mecanicistas. Isso está relacionado à noção de um indivíduo capaz de auto articulação. De acordo com Taylor, para Herder cada pessoa possui sua própria medida, única e específica, que reflete a harmonia entre seus sentimentos. Ademais, o filósofo alemão, considera que o poeta romântico revela, por meio da arte, o que está oculto na natureza, e, assim, ele se torna um mediador que manifesta o invisível para os outros. Em um domínio cósmico, o poeta romântico enfatiza um senso de unidade e equilíbrio de todas as coisas que podem ser experimentadas por meio da natureza. Essa concepção vai além de uma expressão de sentimento, e esse algo a mais é a ideia da natureza como fonte. É essa ideia que nos realiza e completa como seres humanos, é o que nos resgata do domínio mortal da razão desprendida. Porém, essa unidade da natureza não estava além ou separado das coisas particulares. Os românticos não consideram a natureza como uma entidade autônoma, de ordem externa. Nesse sentido, a natureza é um componente intrínseco e inalienável do próprio ser humano.²⁴

Àqueles que defendem que o prazer representa a natureza humana sob uma luz degradante, Mill argumenta que as paixões não devem ser temidas porque é possível haver uma canalização interna das paixões. O filósofo inglês ressalta que faz parte da humanidade buscar satisfazer os desejos com o auxílio da razão. O cultivo mental e o aperfeiçoamento da ideia do bem propicia uma visão mais elevada do que é o prazer.

Conforme acima exposto, compreendemos que o utilitarismo sustentado por Mill é derivado de uma concepção de natureza humana mais complexa do que a de seu mentor Bentham. A natureza humana na concepção milliana possui mais elementos, para além da razão calculadora, abrindo espaço para transformações ao longo do tempo. O cálculo de felicidade de Mill adiciona mais dimensões que integram a qualidade para formar o julgamento do valor das ações. Para Mill, alguns tipos ou qualidades de experiência de prazer são tidos como mais valiosas e isto faz com que elas tomem um lugar superior na escala de valores.

De acordo com Don Habibi, a análise milliana da natureza humana está conectada a sua ética do crescimento. Os valores éticos que o filósofo desejava promover visavam uma sociedade dinâmica, criativa, caracterizada pela crítica e pela cidadania ativa. Para isso, ele encorajava o refinamento e cultivo dos prazeres superiores. Desse modo, o sistema de valores de Mill servem aos propósitos tanto de felicidade como de crescimento.²⁵

Quando Mill usa a palavra "prazer" ele não se refere diretamente a um tipo de estado mental, mas a ações ou atividades que causam ou podem causar estados mentais prazerosos.

vai estabelecer o seu modo de vida. Nessa revolução das ideias morais se atribui grande importância a expressão dos sentimentos e um papel central à imaginação criativa. Esta última se diferencia da imaginação reprodutiva, que é mera reprodução do que a mente já experienciou, por ser capaz de produzir algo novo, sem precedentes, que envolve a manifestação de novas formas. A defesa da possibilidade da exploração simultânea do self e da natureza pelo expressivismo enriqueceu a situação moral moderna. (TAYLOR, *As fontes do self: A construção da identidade moderna*, pp. 481-2).

²⁴ TAYLOR, *As fontes do self: A construção da identidade moderna*, pp. 479-485.

²⁵ HABIBI, *John Stuart Mill and the Ethics of Human Growth*, pp. 32-3.

Os prazeres tidos como superiores pelo filósofo são associados, entre outras coisas, a atividades intelectuais.

Se me perguntarem o que entendo pela diferença qualitativa de prazeres, ou por aquilo que torna um prazer mais valioso do que outro, simplesmente enquanto prazer e não por ser maior em quantidade, só há uma resposta possível. De dois prazeres, se houver um ao qual todos ou quase todos aqueles que tiveram a experiência de ambos derem uma preferência decidida, independentemente de sentirem qualquer obrigação moral para o preferir, então será esse o prazer mais desejável. Se um dos dois for colocado, por aqueles que estão competentemente familiarizados com ambos, tão acima do outro que eles o preferem mesmo sabendo que é acompanhado de um maior descontentamento, e se não abdicariam dele por qualquer quantidade do outro prazer acessível à sua natureza, então teremos razão para atribuir ao deleite preferido uma superioridade em qualidade que ultrapassa de tal modo a quantidade que esta se torna, por comparação, pouco importante.²⁶

Ao diferenciar os tipos de prazeres, Mill, segundo a interpretação de David Brink, em *Mill's Deliberative Utilitarianism*, rejeita consistentemente o hedonismo. O filósofo inglês defende uma concepção de felicidade que se constrói, principalmente, pelo exercício de nossas capacidades racionais. Enquanto Mill afirma que essas atividades intelectuais são intrinsecamente mais valiosas do que as atividades inferiores, os hedonistas afirmam que o estado mental de prazer é o único bem intrínseco.²⁷ Em outro texto de Brink, *Mill's Progressive Principles*, o comentador adota uma leitura perfeccionista da doutrina dos prazeres superiores e das afirmações sobre felicidade de Mill, em contraste com abordagens subjetivistas, como a leitura hedonista. Brink classifica a concepção de felicidade milliana como objetiva, baseada na realização de bens intrínsecos, como conhecimento, amizade e realização, em vez de estados psicológicos ou satisfação de desejos. Embora o subjetivismo celebre o pluralismo, reconhecendo diversas formas de felicidade, Mill argumenta que concepções objetivas também podem ser pluralistas, admitindo diferentes formas de vidas felizes desde que envolvam a prática da razão e da deliberação. Mill fundamenta o valor da felicidade em nossa capacidade de deliberação prática, que nos define como agentes morais. Essa perspectiva, segundo Brink, compromete Mill com uma posição perfeccionista e, ao mesmo tempo, evita o relativismo das concepções subjetivas, propondo uma visão mais estruturada e substancial do que constitui uma vida boa.²⁸

Na interpretação de Liz Mckinnell, mesmo estando comprometido com o cultivo da capacidade de prazeres superiores, Mill defende que a filosofia não pode nos guiar completamente sobre como é experimentar tais prazeres ou como cultivar tal capacidade. Há momentos de experimentação nos quais o filósofo deve convocar o poeta para ocupar nas lacunas que a filosofia não pode preencher. Dessa maneira, a visão milliana sobre o

²⁶ MILL, *Utilitarianism*, pp. 49-50.

²⁷ BRINK, *Mill's Deliberative Utilitarianism*, pp. 72-3, 76-8.

²⁸ BRINK, *Mill's Progressive Principles*, pp. 61-73.

desenvolvimento da capacidade de prazer superior, deixa espaço para ambas visões, romântica e idealista, porém, mantendo a distinção.²⁹

Segundo Robert Devigne, Mill está desafiando uma dicotomia presente até hoje na teoria política contemporânea. De um lado, sob a influência de Hobbes, estão aqueles para quem a ação é guiada por “interesses”, isto é, a ação como meio para a satisfação dos desejos e das paixões. De outro lado, influenciados por Kant, estão aqueles para quem a ação deve ser guiada pela “autonomia” do idealismo moral.³⁰ Para o primeiro, a liberdade envolve interesse próprio e não tem um conteúdo superior ou inferior, nem uma relação direta com o bem público. Para o último, a autonomia é uma forma superior de liberdade e relaciona-se com o bem universal. Por sua vez, Mill argumenta que algumas formas de conduta de interesse próprio são formas superiores de liberdade e contribuem para o bem geral. A liberdade, segundo o filósofo inglês, é vista como uma oportunidade de autodesenvolvimento por meio do cultivo das faculdades mentais, isso envolve também a capacidade de expressar seus objetivos próprios. Porém, Mill vai além do simples agir conforme os desejos, defendendo a capacidade de refletir sobre eles e modifica-los, alterando o próprio caráter do indivíduo. Embora nosso caráter seja formado pelas circunstâncias, nossos próprios desejos podem fazer muito para moldar essas circunstâncias e nossa vontade, modificando nossos hábitos. A consciência de nossa capacidade de determinar nossas vontades é compatível com a concepção de liberdade dos românticos. Ademais, a felicidade não é um estado final, uma conclusão ou realização. Qualquer aumento considerável da felicidade humana deve ser acompanhado de mudanças nos estados dos desejos. Enquanto os desejos estiverem circunscritos ao eu, não pode haver motivo adequado para esforços tendentes a modificar para bons fins as circunstâncias externas.³¹

À guisa de conclusão, compreendemos que apesar de o objetivo de cultivar sensibilidades românticas e a busca da própria felicidade não serem facilmente articulados, Mill não vê uma tensão entre seus preceitos utilitaristas e a visão romântica da vida interior do indivíduo. O utilitarismo benthamiano lhe forneceu material para uma análise da justiça, direitos e obrigações morais. Porém, sem rejeitar totalmente a filosofia utilitarista preconizada por seu mentor, Mill a critica, enriquecendo-a e tornando-a flexível. Ele pretendeu oferecer uma visão mais completa do bem-estar humano que a visão de Bentham. Para Mill, seu mentor negligenciava a importância da evolução do caráter. O filósofo inglês pretendeu mostrar que o utilitarismo poderia produzir uma sociedade na qual o caráter é formatado pela evolução de propósito, vontade e consciência vindos também por meio de sentimentos, os quais são suscetíveis de serem levados pelo cultivo a um alto grau de desenvolvimento. A felicidade continua sendo o alvo de todas as condutas e o propósito da vida, mas essa busca está integrada ao exercício das capacidades superiores, isto é, as faculdades de raciocínio, julgamento, discernimento e autocontrole. Para Mill, a única forma de alcançar a felicidade passa pelo cultivo dos sentimentos sociais como pontos cardinais das crenças moral e filosófica. Podemos dizer que para o desenvolvimento moral e político,

²⁹ MCKINNELL, *The Role of Wordsworth in John Stuart Mill's Moral and Psychological Development*, pp.57-8.

³⁰ Will Kymlicka, em *The Social Contract Tradition*, explora diferentes abordagens da teoria do contrato social, destacando as perspectivas hobbesiana e kantiana. Essas abordagens refletem diferentes concepções sobre a natureza humana e os fundamentos da legitimidade política. (KYMICKA, W. *The Social Contract Tradition in: A Companion to Ethics*. Ed. Peter Singer. Oxford: Blackwell, 1993, pp. 186-196).

³¹ DEVIGNE, *Cultivating the individual and society: J.S. Mill's use of ancient and romantic dialectics*, pp. 95-102.

segundo o filósofo, são necessários tanto a orientação utilitarista como a evocação poética. As experiências advindas dessa integração contribuem para a formação e o desenvolvimento do caráter do ser humano e a promoção da autenticidade da agência humana.

Referências bibliográficas

BENTHAM, J. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BRINK, D. "Mill's Deliberative Utilitarianism." In: *Philosophy & Public Affairs*, Vol. 21, No. 1, pp. 67-103, Winter, 1992.

BRINK, D. *Mill's Progressive Principles*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

DEVIGNE, R. "Cultivating the individual and society: J.S. Mill's use of ancient and romantic dialectics." In: *History of Political Thought, Imprint Academic Ltd.*, Spring 2006, Vol. 27, No. 1, pp. 91-12.

DIAS, M.C. L.C. "As Diferenças entre os conceitos de moral no Utilitarismo de Bentham e John Stuart Mill: A Moralidade como derivada das respectivas noções de natureza humana." *Revista de Filosofia Princípios*. Natal (RN), v. 19, n.32. Julho/Dezembro de 2012, p. 483-506.

HABIBI, D. *John Stuart Mill and the Ethics of Human Growth*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.

HARSANYI, J. Morality and the theory of rational behaviour. In: *Utilitarianism and beyond*. Editado por Amartya Sen and Bernard Williams. Cambridge: Cambridge Press, 2002.

HUME, David. *Tratado da natureza Humana*. Trad. Déborah Danowski. 2ª edição. Editora Unesp: São Paulo, 2000.

KYMLICKA, W. "The Social Contract Tradition" In: *A Companion to Ethics*. Ed.: Peter Singer. Oxford: Blackwell, 1993, pp. 186-186.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução nova com introdução e notas por Guido Antônio de Almeida, São Paulo: Discurso Editorial e Barcarolla, 2009.

MCKINNELL, L. "The Role of Wordsworth in John Stuart Mill's Moral and Psychological Development." In: *Utilitas*, Vol. 27, No. 1, March 2015. Cambridge University Press.

MILL, J. S. *Autobiografia*. Tradução Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2007.